



Dzovo e os seus descendentes: a história da família de Eduardo Mondlane ca. 1800-1945 na zona de Khambani e Mandlakazi: alguns problemas de investigação local

Autor: Gerhard Liesegang

Fonte: *Cadernos de História de Moçambique*, 1, 2011, pp. 1-24

<http://www.flcs.uem/files/chistoria/gLiesegangCdeM2011.pdf>

Os *Cadernos de História de Moçambique* é a Revista Científica produzida pelo Departamento de História, Faculdade de Letras e Ciências Sociais, da Universidade Eduardo Mondlane.

O objectivo dos *Cadernos de História de Moçambique* é difundir artigos científicos originais ou de divulgação, documentos comentados, apreciações de livros e outras informações em relação às diversas problemáticas da pesquisa e docência da História em – mas não apenas sobre – Moçambique.

Artigos e informações para publicação devem ser enviados aos coordenadores em format digital. As opiniões expressas pelo coordenador e colaboradores são opiniões próprias e não necessariamente do Departamento.

Publicado por:
Departamento de História
Faculdade de Letras e Ciências Sociais
Universidade Eduardo Mondlane
Maputo

Dzovo e os seus descendentes: a história da família de Eduardo Mondlane ca. 1800-1945 na zona de Khambani e Mandlakazi: alguns problemas de investigação local

Gerhard Liesegang¹

Resumo

Entre as unidades políticas surgidas no complexo meio ambiental e político do sul de Moçambique se figura nos finais do século XVIII e inícios do século XIX o estado linhageiro de Dzovo (Khambane), formação social de fundo da família de Eduardo Mondlane. A interação deste estado com os invasores Nguni que formaram o estado de Gaza, as relações com os colonizadores portugueses em Inhambane e Lourenço Marques, a penetração acelerada económica e militar, até a conquista colonial no fim do século XIX, e a imposição da administração colonial constituíram elementos fundamentais da história para a família de Mondlane. No século XX, o enquadramento familiar na economia colonial e o advento do cristianismo marcaram o ambiente da juventude de Eduardo Mondlane. A intelectualidade de Mondlane surgiu dentre este complexo de informações e influências, com as suas referências muitas vezes de conflitos locais e regionais; a imagem da divisão dos Khambana e da população desta zona de Gaza e Inhambane deve ter sido um exemplo patente dos perigos de desunião perante inimigos exteriores.

Introdução

O estudo que segue pode-se considerar um estudo de história local (se bem que a figura no centro, Eduardo Mondlane, ultrapasse os limites locais). Abarca tanto questões de estrutura política pré-imperialista destacando a importância da linhagem no período pré-imperialista e imperialista. A estrutura de organização e administração do estado linhageiro com os seus direitos assimétricos é uma temática que tem de ser compreendida por qualquer historiador que em Moçambique quer estudar o período pré-imperialista com base em fontes orais e tem a intenção de estudar dinâmicas locais. Estão apenas esboçadas aqui.

Como fontes utilizamos tanto fontes orais como a história oral fixada (depoimentos orais como as suas formas fixadas por escrito) como alguns documentos de arquivo (mapas e correspondência) manuscritas ou publicados. O estudo abarca evidências recolhidas em várias ocasiões e momentos: trabalho de campo em Gaza em 1969, 1971 e 1980, bem como conclusões baseadas em sínteses feitas entre 1997 e 2004. Mondlane foi abertamente um dos temas principais de pesquisa quando o Arquivo Histórico de Moçambique começou a documentar Fontes de História Oral de Moçambique² a partir de 1980, já depois da independência. Encontraram-se informantes como Josefa Bila, também referido por Macavi (1980: 76) como *murherhi wa ka Macekahomu*, e Paulina Mondlane, que em 1969 não constaram da minha rede social de informadores “neutros” ou integradas na estrutura colonial,

¹ Elaboração da comunicação apresentada em resumo no Simpósio Eduardo Mondlane a 20 de Junho de 2009 em Maputo. Agradecimentos: a Janet Mondlane, pelo interesse e sugestão de escolher esta temática e a todos os informadores que desde 1969 em entrevistas individuais e de grupos deram o seu contributo para eu compreender alguma coisa do passado. Só alguns puderam ser identificados nesse texto.

² Devido à persistência da então directora, Maria Inês Nogueira da Costa, e ao financiamento da SIDA-SAREC.

que pude consultar sem causar suspeitas.

Nwajahani e Mandlakazi possuem vestígios que nos remetem à luta de libertação nacional e à história regional de Moçambique. No caso de Nwajahane, os vestígios relacionam-se com a figura de Eduardo Mondlane que aqui nasceu em 1920 e até 1961 manteve contactos regulares com este seu meio. Até 1949 era através de visitas regulares e depois através de cartas. Já a partir de 1943 tinha sido o último descendente masculino do seu pai, o que lhe deu responsabilidades acrescidas na sociedade tradicional com relação à sua família. Planificou a construção de uma casa tipo 2 em 1960-1.

Motivação

A história da região e do estado fundado por Dzovo eram de interesse para o autor destas linhas, quando tentou compreender, em 1969/71, a sociedade actual e passada, a estrutura social e a cerâmica (e outra cultura material) da área aonde o estado de Gaza estava implantado. O estudo destinou-se a uma pesquisa multidisciplinar pós-doutoral.

Como não podia trabalhar em toda a área de Gaza, escolhi fazer trabalho de campo em 1969 e 1971 no sul de Moçambique em zonas para as quais já existiram alguns dados, especialmente sobre capitais de Gaza e fortificações feitas com troncos de árvores. Ali se podiam esperar restos arqueológicos materiais. Assim Chibuto e Mandlakazi (“Concelho dos Muchopes” ou Manjacaze) tornaram-se zonas de pesquisa mais intensa³. Só que durante a estadia, ainda no tempo colonial, Eduardo Mondlane, que tinha nascido lá em 1920 e tinha sido morto pouco antes em Dar-es-Salaam, se virou uma figura presente em muitas conversas, mas desaconselhável para aprofundamento se queria evitar a prisão dos interlocutores. (Em 1971 o escultor Chissano falou-me de prisões no então Lourenço Marques, mas só no ano seguinte, 1972, Gabriel Macavi ficou preso junto com o bispo Zedequias Manganhele, que foi morto na prisão.)

Em 1980-81 o objectivo era de compreender as transformações na área de Mandlakazi. Ficamos decepcionados com a falta de informação do tempo colonial no fundo de Mandlakazi. Nesse texto a temática mudou. O objectivo desse texto é de contribuir, com os poucos elementos que dispomos, para a história de um dos mais importantes estados linhageiros do período pré-*mfecane* e *mfecane* do sul de Moçambique, verificando algumas das raízes de Eduardo Chivambo Mondlane.

Na preparação e especialmente na redacção e apreciação final beneficiei dos estudos publicados em 1999 nos *Estudos Moçambicanos* 16, no âmbito das comemorações da trigésima repetição da data da morte de Eduardo Mondlane, bem como de algumas fontes depois publicados, especialmente por Janet Mondlane e Silvério Ronguane. O pensamento de Eduardo Mondlane tinha ficado muito mais inteligível depois de ler a tese de Silvério Ronguane de 2004, entretanto já publicado (Ronguane 2010). Agradeço o interesse de David Hedges e do Departamento de História por este texto. Não retomo a bibliografia sobre Gaza que teve também acréscimos importantes depois do meu trabalho e até despertou o interesse

³ Também fui em 1969 a Magde, e distritos de Inhambane, bem como África do Sul e Suazilândia. Por acaso, na viagem de vinda, em Abril ou Maio, de 1969 tinha comprado a um vendedor de jornais na rua de Johannesburgo uma edição da revista ilustrada *Drum* que trazia imagens de Eduardo Mondlane do seu enterro. Encontrei em Lourenço Marques um jovem natural de Bilene-Macia que trabalhava na pensão aonde eu estava hospedado e que não acreditava na morte do presidente da Frelimo, Eduardo Mondlane. Teria tanta *masonika* que se podia movimentar de maneira invisível pelos Portugueses e seria imortal.

Um dos contactos, em 1968, em Genebra na Suíça, com André Liengme, filho do missionário George Louis Liengme, e nascido em 1893 ou 94 em Gaza, nos limites da povoação de Mandlakazi no actual Distrito de Chibuto, tinha levado a um encontro com Henri Philippe Junod, que mostrou umas fotografias de Eduardo Mondlane e penso também de Isaac Nqumayo, neto de Ngungunyane e então ministro no Bantustão sulafricano de Gazankulu. Junod e Liengme também se referiam ao livro *Xitlangu*, que penso li na tradução alemã. Em 1971 vi Mussurize e Chokwe (e Chilembene).

de finalistas do curso de história em 2008 e 2009.

A tematização final foi sugerida em Fevereiro/Março de 2009 por Janet Mondlane, quando se debatia se eu devia ou não contribuir ao simpósio Eduardo Mondlane em Junho de 2010. Agradecemos este encorajamento como também a boa vontade de muitos informadores que nos ensinaram o que sabemos da região.

2. Contexto ambiental e histórico

Em períodos geológicos relativamente recentes – recentes, se as compararmos com os 2.000 milhões de anos quando se formaram as montanhas de Manica e o planalto de Nampula – moldou-se a paisagem da zona costeira do sul de Moçambique. Esta é composta por antigos fundos marinhos cobertos por areias de dunas, sulcadas por vales de rios, restos de deltas e lagoas do terciário e quaternário, incluindo o período no qual o hemisfério norte era temporariamente coberto por gelo no período final do glaciário conhecido por Weichsel ou Vístula. As mais antigas formações se encontram no interior e as mais recentes junto à costa. Assim a planície e lagoa de Nyaurongole deve ser mais antiga que as lagunas costeiras na zona de Chidenguele.

Possivelmente algumas das lagoas e lagunas, baixas e vales ao norte de Mandlakazi fazem parte de restos de um antigo delta do rio Limpopo, que em certas fases tinha um muito maior volume de água do que hoje porque escoava a bacia do actual Zambeze superior acima de Victoria Falls. Neste tempo os rios Shashi e Zambeze superior eram afluentes do Limpopo. O Limpopo teria utilizado além da actual foz do rio Limpopo o Inharrime e a lagoa Poelela e talvez mesmo a baía de Inhambane, depositando areias pesadas entre Chibuto e a costa. No mesmo tempo o rio Incomati teria desaguado na Praia de Bilene ou talvez na foz do Limpopo, utilizando o vale do rio Lumane⁴.

Provavelmente durante este período (pela última vez ca 20.000 a 40.000 anos antes de hoje) o sul de Moçambique teve um clima semelhante ao da Namíbia. É mesmo possível que por partes do canal de Moçambique passava uma corrente fria de sul para o norte o que reduzia as chuvas no sul de Moçambique. Posteriormente o clima e as correntes mudaram e aproximaram-se dos actuais. No auge da glaciação o nível do mar pode ter sido mais baixo do que hoje e a linha costeira a leste da actual.

As espécies originais da floresta da zona khambane devem ter incluído brachystégias nas zonas mais arenosas, canhoeiro, etc. Com o tempo devido ao abate das outras espécies, devem ter aumentado as árvores de fruto nativos, especialmente mafurreiras, masaleiras, canhoeiros etc. suplementadas no fim do séc. XIX pelos cajueiros. A cobertura com gramíneas (capim) deve ter estendido a sua quota parte devido ao excesso de cultivo.

Vestígios do homem da idade da pedra existem poucos na zona costeira desde a baía de Inhambane até à zona de Maputo. Há alguns na praia de Bilene. Das formações que seguem cronologicamente encontramos junto à costa restos da Idade do Ferro inferior perto da praia de Xai-Xai e vários outros pontos, datados de cerca de 200 AD e uma ou outra estação mais recente. A história posterior não é muito bem conhecida. Existem alguns elementos para a zona costeira a partir do séc. XVI e para o interior de Gaza a partir do séc XVIII. Nesse século há várias referências aos Makwakwa. Estes viviam aparentemente numa paragem obrigatória para os mercadores e mensageiros que se deslocavam de Inhambane para o sul e oeste (actual baía de Maputo e as zonas extracção de ferro e cobre na actual África do Sul). Há referências a movimentos de população, mas não sabemos muito bem aonde encaixar o Makwakwa antes do séc. XVIII. Em estudos anteriores (Liesegang 2002 e s.d.) chegamos a conclusão que os Makwakwa e outros descendentes de Nkome devem ter imigrado do sul ou oeste no séc. XV,

⁴ Agradeço algumas dicas a geólogos holandeses e moçambicanos, mas também ao arqueólogo G. Smolla que me falou pela primeira vez destas possibilidades.

fazendo provavelmente parte de um movimento semelhante ao dos *mfecane* do séc. XIX ou outro do séc. XVIII que afectou Inhambane. O movimento do séc. XV separou o grupo Chopi dos Nhantumbo e Mbanze dos seus parentes Loyi no interior. Algum tempo depois, talvez fins do séc. XVII ou início do séc. XVIII vieram os chamados Hlabi e alargaram a zona de separação, isolando os Maluleke dos seus parentes Makwakwa já no habitat actual. Quando parte dos Bila foram deslocados para o norte cerca de 1730-40, provavelmente devido a pressões de outros grupos vindos do sul, tiveram de atravessar uma cintura de povoações Makwakwa e Manyike para chegar perto de Maxixe e Morrumbene ao oeste de Inhambane. Junto à costa ainda tinha havido outras dinâmicas envolvendo os Khosa, mas são menos importantes para o tema⁵.

Os Makwakwa falavam ainda no séc. XIX e início do séc. XX o dialect Nwanati, praticamente uma variante do Xitswa, com 'k' e 't' em alguns casos tão fortes que podiam parecer cliques, e 'g' aonde outros dialectos tsonga tem 'dj' (p.e. 'ku-ga' - comer - em vez de 'ku-dja' ou 'ku-dla'.

No fim do séc. XVIII ou início do séc. XIX parece ter havido uma cisão na casa real dos Makwakwa e aparece então a linhagem real dos Mondlane.

Eduardo Mondlane e linhagem de Dzovo

"*I mani Chivambo Eduardo Mondlane*", "Quem é Chivambo Eduardo Mondlane" perguntou Gabriel Macavi em 1961 (Macavi 1980: 76). Macavi (1898-1982 ??), o professor primário, e mais tarde pastor presbiteriano, também poeta desde os anos 20 ou 30, era 22 ou 23 anos mais velho do que Mondlane. Tendo trabalhado em Mause por volta de 1933, ele conhecia o ambiente em que Eduardo Mondlane tinha crescido. Pediu lá informações a pessoas que o conheciam ainda melhor para dar uma resposta certa à pergunta⁶. Para Macavi poemas laudatórios eram uma ocasião para dizer verdades em uma forma cultural velha adaptada à modernidade. Parte da resposta à pergunta que Macavi fornece é a genealogia de Eduardo Mondlane. Indica como pai de Eduardo (que nasceu como Chivambu, nome emprestado a um tio paterno), Nwajahani⁷, filho de Magulani, filho de Macekahomu, de Khambani, de Dzovo, de Kuhlmeni, de Nkome, de Mondlane dos Nwanati (Macavi 1980: 77). Num poema talvez pouco anterior, provavelmente mais perto de Março de 1961, Macavi (1980: 89) tinha procedido da mesma maneira e citado logo nos primeiros versos o nome de Dzovo e pouco depois a genealogia.

A história e os antepassados de Eduardo Mondlane eram obviamente importantes para Macavi, como também para muitos moçambicanos. Dzovo era importante como identificador de uma linhagem importante. Dzovo era a quinto antepassado de Eduardo Mondlane. Isso também quer dizer que para Mondlane, como muitos outros Moçambicanos, o passado pré-imperialista era de certa forma identificador ao nível da família, da linhagem, e como referência no exterior. Tanto lá como em Moçambique referia-se a uma estrutura de classes na sociedade. Mas evidentemente, o que destacava Mondlane já em 1960 era a sua carreira académica e nas Nações Unidas (Macavi 1980: 84-7).

A Universidade Eduardo Mondlane apropriou-se (nos anos 90) do nome de Dzovo para um dos seus servers de e-mail. O nome apareceu também num projecto moçambicano de construir computadores no séc. XXI. Dali podemos deduzir que a dimensão pré-colonial ou

⁵ Cf. Liesegang s.d.

⁶ Conheci Gabriel Macavi e um manuscrito histórico dele em 1971 (antes de ser preso pela PIDE em 1972), mas falámos das suas investigações sobre o estado de Gaza apenas em 1977. Informações publicadas por Teresa Cruz e Silva (1999a e 1999b) permitem compreender ainda melhor o contexto.

⁷ O significado do prefixo Nwa- não é homogéneo/uniforme na área Tsonga. Utiliza-se para designar filhas a partir do apelido de homens, p.ex. Nwa-Mandlati, filha de Mandlati, mas também pode aparecer em nomes de homens (p.e. Nwamantibyana).

pré-imperialista entra na dimensão moderna. É essa dimensão pré-colonial que o artigo tenta explorar, tentando reconstituir o estado Mondlane, o quadro familiar, o contexto da formação de Mondlane e as fontes que existem sobre esta temática, bem como possibilidades de pesquisa nesta área.

O Estado de Dzovo Mondlane

Dzovo, “a pele verde” ou (“pele de cabrito para carregar filhos na neneca”) era uma conhecida figura, mesmo antes do nascimento de Eduardo Mondlane. Estava presente na consciência histórica dos africanos e alguns administradores da zona no hinterland da costa moçambicana ao norte do rio Limpopo, já ou ainda em 1909, doze ou catorze anos depois da conquista colonial. Dzovo ou “Do’o” (“Zo’o”), era para os administradores portugueses o fundador de um estado africano pré-mfecane, também conhecido como estado Khambane⁸. Dzovo aparecia nas genealogias dos 15 regulos do clã Mondlane dos distritos de Chai-Chai (ou Xai-Xai, posto de Chongoene) de Mandlakazi (Manjacaze) e Chibuto. Dzovo teria governado, segundo outras evidências, pelo menos desde cerca de 1810 a 1822. Dzovo era filho de Kuhlambene (Vasconcelos 1909: 221). Assim o rezam a tradição oral actual, do fim do séc. XX e começo do séc. XXI, e os primeiros registos sistemáticos do estado colonial em 1909.

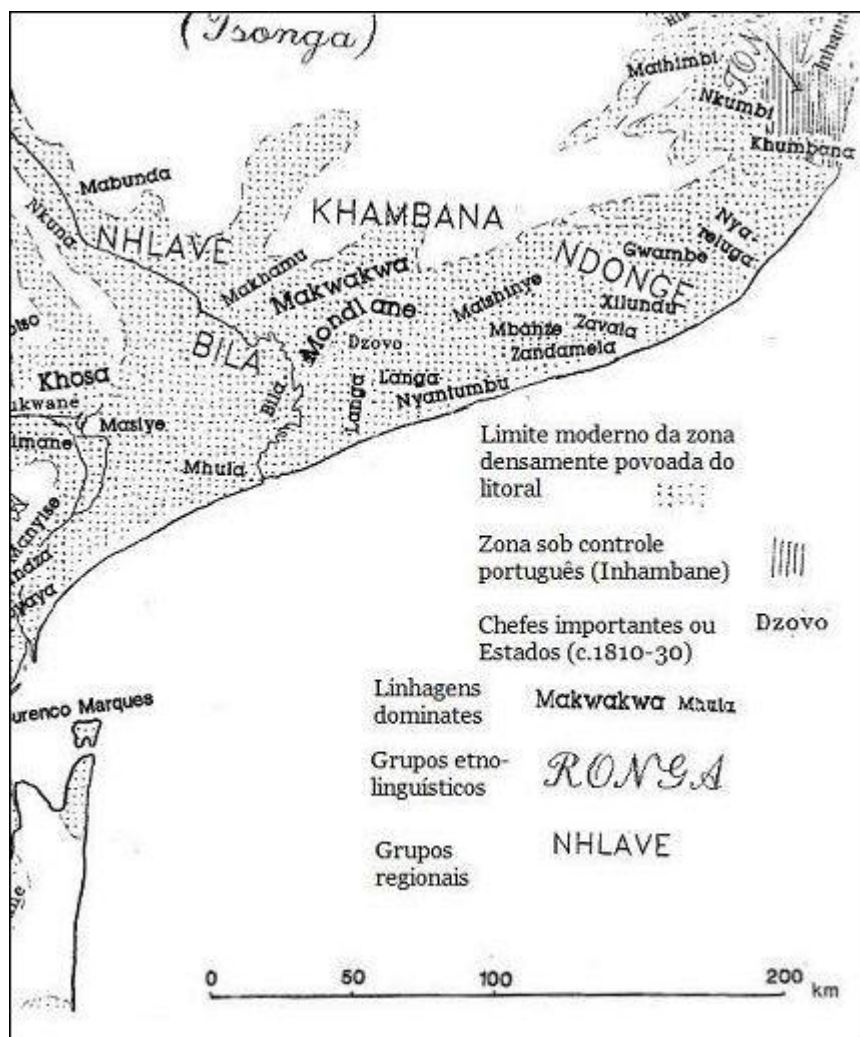
Aspectos da tradição oral são confirmados por várias correspondências mandados de Inhambane para a Ilha de Moçambique. Segundo estes documentos entre 1812 e 1825 deram-se conflitos repetidos entre “Dovo” e um seu sobrinho, rei dos Makwakwa e aliado dos portugueses. Dovo, hoje escrito Dzovo, fundador do estado dos Mondlane era portanto uma personalidade histórica, cuja vida e governação podem ser datadas. Em 1813-15 foram documentadas lutas entre o chefe “Dovo” (Dzovo) e o chefe dos Makwakwa. Deste último não sabemos se estendia o seu domínio já a zona de Pande. O centro do seu poder deve ter sido Chibuto (Ximbutso), se confiarmos no testemunho do viajante e caçador St. Vincent W. Erskine, que viu as dunas altas e vermelhas de Chibuto entre 1868 e 1875, tendo vindo do Natal na África do Sul aonde o seu pai era governador.

A chefatura de Dzovo tinha sido ainda referido entre 1822-1825. O governador de Inhambane, Carrazedo (1820-23) afirmou que fez duas expedições contra “Dovo” e os “Massuitas”, Nguni de Zwangendaba, Sochangane e talvez também Nqaba, a favor do chefe Makwakwa⁹ não localizado nestas fontes. Se os chefes Makwakwa ainda residiram perto de Chibuto o apoio militar de Inhambane poderia ter chegado através da planície de Inhassune e Chicomo, seguindo uma rota utilizado por C. dos Santo Pinto em 1840.

Dzovo fundou um estado linhageiro no qual todos os chefes de povoação e subdivisão tinham de ser do clã Mondlane. Dzovo teria alterado a sucessão de colateral (como no sistema Shona, bitonga e chopi) para filial, mas não para primogenitura. Assim teria ficado como o seu sucessor o seu filho Khambanyane e não o seu irmão Mahemane (Vasconcelos 1909: 221). Parece, portanto, que pelos menos a partir de 1820 ou 1825 nem sempre eram os filhos mais velhos, mas filhos de uma mulher especialmente escolhida como mulher grande, que herdaram. Isso mostra que Dzovo teve um grande poder, protelando possivelmente quase até ao fim da vida de determinar quem lhe poderia suceder. Por este princípio se regeram, também, à maioria dos chefes de aldeias e zonas.

⁸ Na colectânea de documentos editados por Coelho 1898: 378 fala-se da “mudança do Kraal [capital] de Mussurize para as terras de Cambane, não longe do Limpopo “

⁹ Santana 1967. III: 873. No sumário escreveu-se “Daro” em vez de Dovo.



Fonte: Segundo o mapa do autor em Covane 2001

Os chefes nas diferentes subdivisões e maiores povoações fortificadas com palissadas (*khokholos*) eram filhos, irmãos ou tios do chefe do estado, que de vez em quando juntava uma certa parte da população e a atribuía a um filho seu, dando-lhe um terra para viver com os seus súbditos. Às vezes um descendente mais afastado foi substituído por um mais perto do governante. Por exemplo, em relação à chefatura de Bango ao norte de Chongoene, um administrador registou em 1909 que o nome Bango era de um fundador da povoação, o nome de um induna (Vasconcelos 1909: 222). É de supor que os seus descendentes tenham sido substituídos antes de 1889 por um filho de Binguana, portanto por um parente mais próximo do chefe então reinante. Os casamentos do rei significaram também alianças de linhagens e selaram a inclusão de linhagens de Mandlati, Bila, Chissano e outros no estado.

A sucessão filial sem primogenitura manteve-se depois. Bingwane (ca. 1860 -1889) e Xipenenyane 1889-98 eram filho e neto de Khambanyane, mas não os filhos mais velhos. Não podiam suceder os irmãos mais novos do falecido chefe, como era e é prática entre os Chopi, Tswa e Shona.

De notar que já em 1969, muito antes da discussão de questões de género, mas quando já se discutia a posição das mulheres nas sociedades africanas, vários informadores, (especialmente em Muzamane perto das cantinas de Chivachela) mencionaram espontaneamente os nomes das mães dos chefes, mostrando que esta ligação era importante. Um outro aspecto aparece no relato do administrador Vasconcelos. Ele afirma que a mudança

do sistema de sucessão foi proclamada numa reunião pública (*banja*) (Vasconcelos 1909: 221). Isso indica que houve um sistema de legislação, com publicação das leis, mas por via oral.

Segundo indicações de historiadores locais como Gudogudo Mondlane (no regulado Muzamane 1969) e Josefa Bila (em Macekahomu 1980), o estado de Dzovo parece ter-se expandido inicialmente a partir de Maleise (Malehise) em direcção a sudeste para Nyankutse (Inhancutse), na margem norte do Limpopo. Assim ficava em estreito contacto com as populações das baixas do Limpopo, dominadas pelo clã Bila. Os Makwakwa dominaram a zona alta mais ao norte e noroeste. Os Makwakwa tinham sido os conhecidos e talvez parceiros e aliados dos portugueses em Inhambane, que conheciam grande parte do hinterland, porque de lá veio o marfim que exportavam. Também eram os conhecidos dos holandeses na Delagoa Bay, já por volta de 1727-1730 (Liesegang 1990: 66 e Liesegang s.d.). Eram um grupo populacional importante que já podem ter estado presentes na zona de Chibuto ou mesmo Panda durante alguns séculos como afirmámos (cf. Liesegang 2004). Os Makwakwa, que teriam de transferir o seu centro em 1839-40 de Chibuto em direcção a Inhambane, devido à pressão de Gaza depois do regresso de Sochangane do norte em 1839-40, devem ter dominado um eixo estratégico para o comércio que ia provavelmente de Chibuto em direcção a leste-nordeste, portanto a Inhambane via o actual Panda ou Inhassune ou Chicomo ou Gwambe-Chicomo. De Chibuto havia uma rota para o sul (vale do Incomati) e outra para oeste, passando pelos Hlabi (ou VaNhlave) e dirigindo-se à zona de Phalaborwa e Venda, de onde vinha o ferro e cobre, necessários para instrumentos de trabalho e adornos essenciais na vida social.

A zona junto ao rio Limpopo, com possibilidade de fugir para o sul, era mais segura militarmente para os Mondlane do que a zona nos limites com os Makwakwa e sua zona económica, pelo menos até 1821. Por isso há dúvidas sobre a presença de Mondlanes em Macekahomu e Nwadjahani antes de 1821. O vale do Limpopo e bolsas de baixas eram também seguros no que toca a alimentos em períodos de seca, e ameaçava parte das rotas comerciais dominados pelos Makwakwa.

O estado de Dzovo surge, portanto, numa situação de confrontos e conflitos, semelhantes aos do período de crescimento dos estados Ndwandwe e Mthetwa, na mesma altura. Segundo a tradição oral era uma aliança com populações do vale do Limpopo, que serviam de rectaguarda nos confrontos dinásticos com os Makwakwa. Tanto Makwakwa como Mondlane construíram estados linhageiros e parecem ter firmado alianças por casamento com outros clãs ou linhagens. (No séc. XVIII já tinha havido uma evolução semelhante no vale do rio Maputo com os Tembe de Nwangove e Maputy).

Assim, possivelmente uma parte da zona Mondlane tinha feito parte dos domínios dos Makwakwa antes de 1800. Outras áreas no actual Chongoene tinham tido chefes independentes, Mandlati, Langa, Khosa Nyoko, etc. Tanto Makwakwa como Khambane mantiveram a sua canção tradicional para os *timhamba*, quando pediam chuva e outros recursos aos antepassados:

“*Ahi nhlanganine, ahi nhlanganine, hi mhamba lweyo*”. (Vamos para o encontro, vamos para o encontro, para este ritual/ceremónial (*mhamba*))

A invasão dos Nguni 1822, o estado de Gaza 1824-1889 e o estado Khambane 1822-1889

A terceira expedição mandada de Inhambane em apoio ao chefe dos Makwakwa (que devia continuar depois para Lourenço Marques) voltou para Inhambane com o resultado que já não se podia transitar pelo sertão para o sul para socorrer Lourenço Marques porque os “Massuitas”¹⁰, então um termo utilizado para designar os Nguni (de Zwide) e gente chefiados

¹⁰ Massuitas, Mapsiti, Madzviti, etc. É derivado do nome do rei Ndwandwe, Zwide, que morreu no exílio, talvez no actual Phumalanga, ca. 1821-22 depois de derrotado pelo exército de Shaka.

por ele e pelos seus sucessores Zwangendaba e Sochangane, estavam em toda a parte. A força mandada recolheu por isso para Inhambane. Esta irrupção dos nguni de Zwangendaba e Sochangane, que se fixaram por volta de 1822 ou 1823 em Maniquenique, no vale do Limpopo ao sudoeste de Chibuto, vindos do sul, retirou aos Mondlane a sua rectaguarda segura entre os Bila e outros como Mbhembele entre os caniçais do vale. Parte dos Mondlane fugiram devido aos ataques, talvez mesmo para a ilha de Bahule entre os Chopi perto de Chidenguele. Outros se entregaram, como os seus vizinhos Khosa no sul, aos Nguni. Entre aqueles que decidiram lutar para os Nguni era um neto de Dzovo, Macekahomu. Era filho de Khambanyane e irmão do futuro chefe Bingwana. Tornou-se um “Changana” e lutou no exercito de Manukusse ou Sochangane. Distinguiu-se até como guerreiro em combates com portugueses, talvez em 1834, quando uma expedição de Inhambane de perto de 300 pessoas e munidos de um canhão foi completamente aniquilada em terras dos Chopi (Zavala?), tornando viúvas muitas mulheres da elite local e dos soldados locais de Inhambane.

A estrutura básica do estado de Gaza era também uma estrutura linhageira formada pelo Reis e seus filhos e alguns tios paternos. Mas havia também alguns chefes de diferentes linhagens nguni incorporados por alianças clânicas, sendo de mencionar os Ntyayi-Ntyayi Dlamini em primeiro lugar. Tiveram um papel importante no tempo de Sochangane. Estas alianças não se estenderam, inicialmente, aos súbditos changana e ndau. Mas a estrutura militar incorporava estes súbditos.

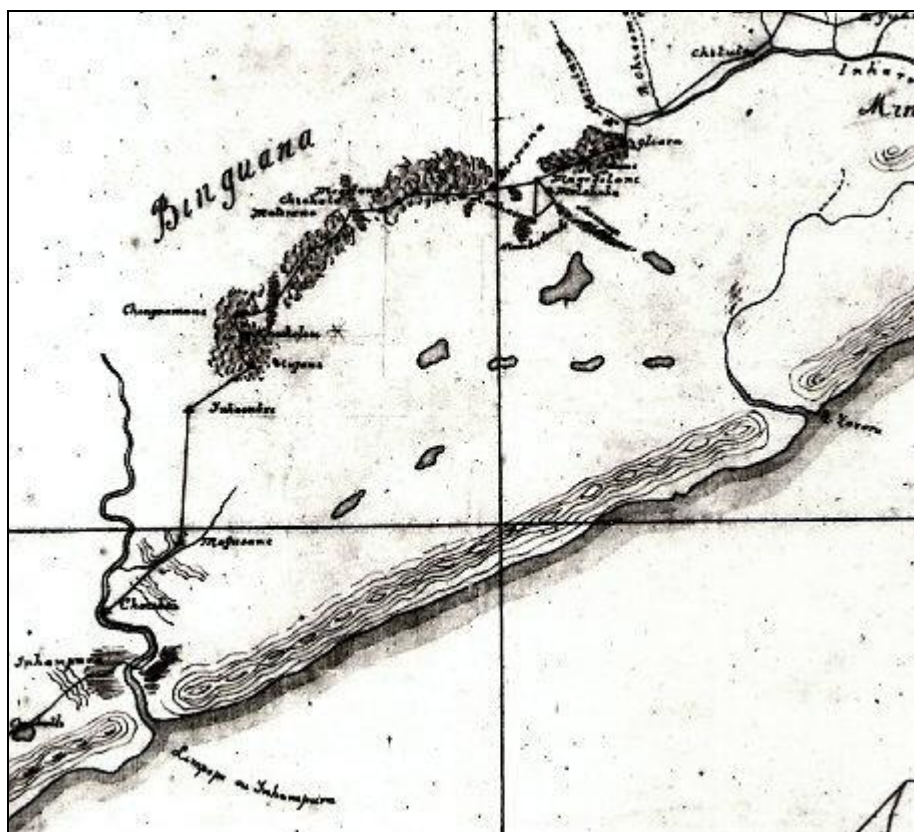
Uma série de *khokholos*, ou palissadas construídas pelos Chopi com troncos de árvores foram conquistados pelos Nguni. Estes venderam alguns captivos aos portugueses de Inhambane entre 1823 e 1835 e de 1839 a 1845. A marcha de Sochangane para o norte (zona de Espungabera e Chipinge) em 1835-6 tinha dado dois anos descanso aos Makwakwa e outras chefaturas nkuna e loyi no vale do Limpopo. Mas o regresso do rei de Gaza em 1838-9 despoletou a fuga dos Makwakwa de Chibuto para Inhambane (seguindo dali para Inharrime, aonde foi construído o *geveni* ou circumvalação de Nharreluga (cerca de 1850-55), continuando depois de 1860 para Homoine e Panda). Ficaram os Mondlane e seus vizinhos chopi. Do outro lado da ocupação nguni, os Nkuna e alguns subgrupos de Loyi e Maswanganye fugiram para a actual África do Sul em 1839-40. Os chefes dos Khosa, Pukwane e seu filho Magudzu tiveram de recuar em direcção à Sabié. Os Mondlane também se reorientaram no seu território. Afastaram-se um pouco do vale do rio Limpopo e iam para o interior, aonde os Makwakwa deixaram de constituir uma potência. Macekahomu situava-se no limite norte dos Mondlane que tem a forma de semi-lua ou rim (cf. mapa de Longle 1886, reproduzido abaixo).

Analizando estes dados não podemos subestimar os efeitos das guerras de conquista no séc. XIX. Estas causaram muitas baixas e perdas por captura e eram seguidas muitas vezes por fomes e pela venda de captivas e captivos pelos vencedores para zonas vizinhas. As devastações de mais de 20 anos de guerra levaram Sochangane a proibir a exportação de escravos do seu estado cerca de 1845 (ver Neves 1878).

O estado nguni tinha um centro com residência de famílias nguni com muitos dependentes, parcialmente designadas como *tinhloko*, “cabeças” e uma periferia extensa de estados vassalos. O estado Khambana, como mais tarde o estado Makwakwa de Mahuntse (*alias* Mahonti ou Mahunja em Panda), eram estados vassalos de Gaza. Eles preservaram a sua estrutura linhageira antiga e eram mais homogêneos, mas incorporaram também indivíduos e grupos de origem étnica diferente.

A segunda transferência do centro do estado de Gaza do vale do Limpopo para a zona ao norte do Rio Save em 1861 teve lugar durante a guerra entre os filhos de Sochangane, Mawewe e Muzila (1860-65). Nesta guerra qual participaram os Swazi ao lado de Mawewe. Nela os Bila do vale do Limpopo se refugiaram nas terras dos Chopi, como observou Erskine em 1868. A grande distância da capital nguni levou a uma re-estruturação (e talvez quase

emancipação) de estados como os dos Mondlane e Makwakwa. Bingwane, neto de Dzovo, recuperou o estado dos Mondlane e os Makwakwa o seu sob Mahuntse com sede em Panda (Mpande). A morte de Macupulane Langa pelos guerreiros khambana em 1866 deve ter significado a diminuição temporária do poder dos Langa, mas outros membros do mesmo clã conseguiram constituir *khokholos*, por exemplo, Mangunze, defendido até 1893¹¹. Por volta de 1866-1886 antigos centros como Inhancutse tinham-se tornado postos fortificados dos Mondlane nos limites onde havia frequentes escaramuças com os Nguni fixados no vale ao norte de Xai-Xai. Armando Longle viu ali em 1886 sinais de combates num *khokholo* pequeno¹².



As terras de Bingwane em 1886 entre Chicoma e Inhancutse-Chaichai segundo o mapa de Longle 1886. De difícil leitura, permite talvez identificar o *khokholo* de Ngujulani (Magojolane), e sem dúvida Inhancutse e Chai-Chai, bem como os rios no actual Chicoma e Limpopo.

Macekahomu chefiava por volta de 1860-70 uma das talvez mais de 10 ou 15 povoações fortificadas do estado Mondlane. Ele era um dos filhos mais velhos de Dzovo. O seu poema laudatório, citado numa entrevista com Josefa Bila, em 1980, fala, como já referido, de um combate com portugueses. O mais provável é que se refere ao exército português vindo de Inhambane em 1834, quando foi derrotado e aniquilado talvez nas terras de Zavala. Na ocasião foi conquistado um canhão. Neste poema repete-se a referência a um mago ou “feiticeiro” que fez rebentar o canhão. Este título era também atribuído a Sochangane por este facto (cf. Erskine 1890 em Liesegang 1968: 244). Esta referência pode também descrever uma situação posterior, quinze anos depois, em 1849, quando morreu outro governador de Inhambane, Chaves, em confronto com guerreiros dos Nguni em Morrumbene. Se tiver sido

¹¹ Cf. Liesegang 1974

¹² Longle 1886, Liesegang 1974

guerreiro activo em 1834, em 1866 já não deve ter sido um combatente muito activo. Nesta altura, os vizinhos chopi tornavam-se tributários do Binguana, como o Macupulana já referido. Chefes em Chidenguele, como Chigirimuka Nyantumbo em Madender, pagavam impostos a Bingwane (em óleo de mafurra, *munyantsi*) sem discutir. Por sua vez Bingwane manteve-se, no governo de Muzila, súbdito nominal de Gaza e mandava para a capital o centro de Gaza em “Mussapa” o seu filho Xipenenyane treinar. A tradição oral diz que Ngungunyane, futuro rei de Gaza, e Xipenenyane se conheceram nesta altura (ca. 1865?-1870). Nessa altura os irmãos mais novos de Muzila como Khuyu e Mpissane (Impissane) eram chefes de exércitos, como por exemplo na expedição contra os Venda em 1869 e os filhos do rei não eram muito prominentes ou conhecidos¹³.

A sucessão de Ngungunyane em Agosto-Setembro de 1884 depois da morte do seu pai Muzila era seguida por tentativas de rebelião de chefes nas zonas fronteiriças. Governadores portugueses de Inhambane e Lourenço Marques fizeram planos de extensão dos então distritos de Inhambane e Lourenço Marques para o interior, para áreas até aí dominadas por Gaza. Entre os potenciais rebeldes e aliados dos portugueses estavam também Bingwane e seu filho Xipenenyane Mondlane. Hanyane, um filho de Mawewe, irmão de Muzila, tentava também deixar cerca de 1885 o reino Swazi aonde vivia desde 1862 como refugiado e aliado dos Swazi. Mas, até 1886/7, Ngungunyane tinha recuperado ou assumido o controle do seu estado. Bingwana e seu filho Xipenenyane não mandaram apoio para os portugueses nos combates contra o exercito de Ngungunyane nas duas batalhas de Chicunguza em 23 de Outubro de 1886 ao norte de Morrumbene.

No entanto, Bingwane torna-se foco de atenções, quando o rei de Gaza decidiu, em fins de 1888 ou início de 1889, de transferir a sua capital para o sul. Escolheu para futura área da sua capital a zona perto da lagoa Sule no centro do estado Mondlane (Khambana). A deslocação fez-se nos meados do ano, na estação seca. Na capital de Bingwane, Chirime, perto de Mangunze, a cerca de 15 km da lagoa Sule, refugiaram-se muitas pessoas. Estava lá também Mbatani, filho de Macekahomu que lá morreu. (É possível que Macekahomu já não vivia nesta altura, embora o mapa de Gomes da Costa de 1897 documente que ainda era uma referência – talvez vivo, cf. Mapa.)

Xipenenyane fugiu, ainda em fins de 1889, para Inhambane com alguns milhares de súbditos. A sua residência original tinha sido, segundo informações obtidas em 1971, em Mazucanhane perto de Malehise. Depois da derrota em Chirime (Xirime), ao oeste de Mangunze, cerca de Outubro ou Novembro de 1889, teria passado por Mangunze, Bahule e outros khokholos mais a noreste. Outros refugiados vieram mais tarde depois de ataques a, e derrotas em, Mangunze, Macupulane, Bahule, e outras fortificações existentes nos anos 1890-94. O velho Bingwane e muitos outros morreram em Chirime em 1889. Alguns milhares de Chopi, e provavelmente Khambana que falavam tsonga, fugiram para terras de Lourenço Marques, aonde se fixaram em vários núcleos¹⁴. Outros ficaram como súbditos dos Nguni. Entre estes era Tlongonyane, filho de Bingwane, que contava, segundo Ornellas (em Trindade Coelho s.d.), entre os súbditos de Ngungunyane e da casa de Mandlakazi em 1894-5. Outros habitantes do estado de Binguane fugiram talvez para o vale do rio Limpopo, aonde tinham amigos ou tios entre aqueles que se tinham refugiado nas guerras de sucessão em 1860-4 nas suas casas nas terras altas.

Os antepassados de Eduardo Mondlane e a sua família 1889-1909

Macavi (1980:77) assinala que Eduardo Mondlane descenderia do lado materno de uma linhagem dos Mbhembele, que tinha chefes próprios e vivia entre os Bila (Macavi 1980: 77).

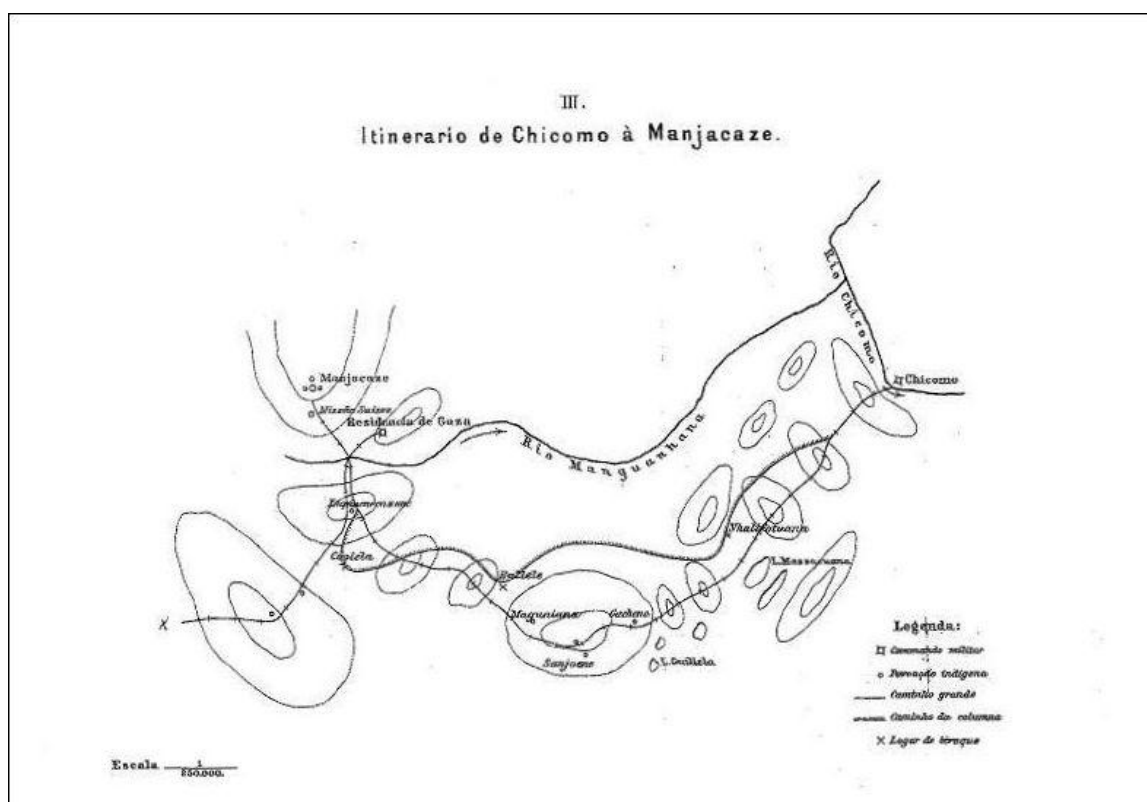
¹³ Boeyens 1985.

¹⁴ Eram possivelmente populações que tinham residido ao sul e oeste de Chirime. (Agradeço a confirmação do contexto por Elísio Manjate em 2010).

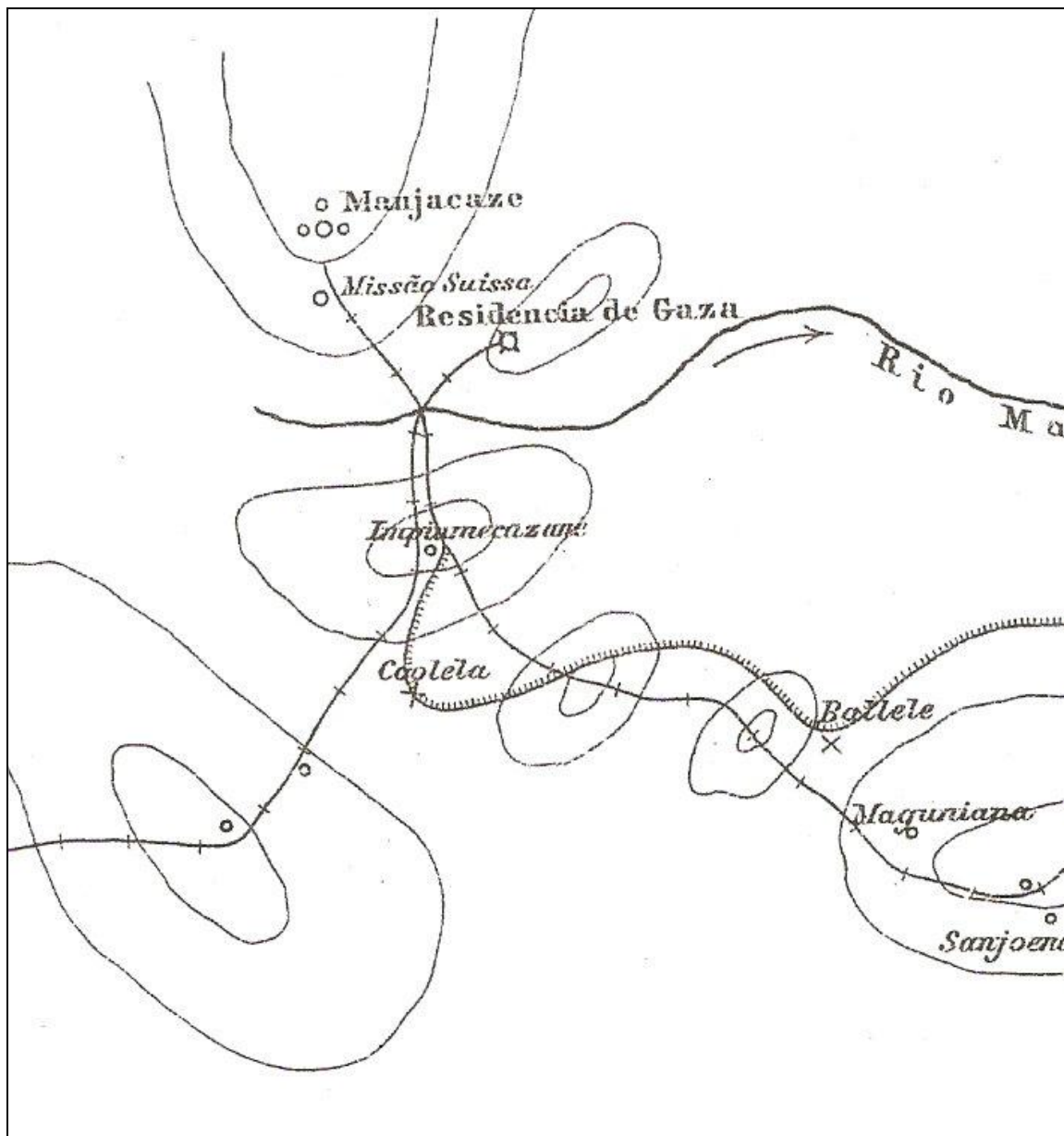
Dados na correspondência de Eduardo Mondlane sugerem que esta família vivia em ou perto de Nyankutse¹⁵.

É possível que Magulani, filho de Macekahomu e seu filho Nwajahani tenham rumado em 1889 nessa direcção do vale. O facto de a primeira mulher de Nwajahani, Chude Bila, e a última, Muzamuse Mbembe, terem sido naturais da zona baixa da bacia do Limpopo, talvez de Chibuto ou Nyankutse, sugere que estiveram ali a não ser que simplesmente obedeceram a casamentos preferências entre habitantes da “serra” e do vale.

Em 1890 a zona a volta do actual Mandlakazi estava ocupado por “casas” dos nobres nguni. A “casa” ou povoação que representava Muzila, Nodwengu, estava entre Mandlakazi e Chibuto (cf. mapa Grandjean). A noreste do actual Nwajahani e sul do rio Mangwenhane vivia Umpiumbekazana, mãe classificatória de Ngungunyane, em 1895 (mapa de Aires de Ornelas em Enes ... da rota da coluna de Chicomo abaixo).



¹⁵ Informação de Janet Mondlane



Nota: O mapa (acima toda a imagem, em baixo um detalhe) identifica Coolela, o rio Mangwenyane e povoações então existentes. Permite a localizar a zona do moderno Nwajahani (não referido por este nome) a noroeste de Coolela e Impiumbecazana a norte de Coolela e sul do rio Mangwenyane. O esboço permite também afirmar que a estrada moderna segue um trajecto que já existiu no tempo antes da conquista colonial.

Parece que a habitação com chão polido descrita pelo missionário Liengme (1901), estava lá. A residência do rei, Mandlakazi, povoação de Ngungunyane, estava de 1892 a 1895 situada ao norte do rio Mangwenyane. Certamente o espaço para os Mondlane e outros habitantes locais viverem em paz estava escasso, porque cada casa nguni tinha escravos (*tinhloko* = cabeças) e dependentes de origem tsonga e ndau que trabalhavam para ela e estes escravos residiam e trabalhavam pertos. Os habitantes originais só devem ter voltados na maioria depois de 1895. Os dependentes dos nguni mantiveram-se depois da derrota de 1895 em parte na zona, escolhendo lugares menos cobiçados pelos donos da terra que voltavam. Nwajahani, e provavelmente também o seu pai Magulani se fixaram depois em Macekahomu e Nkunwini,

ao norte do actual Mandlakazi que conhecemos hoje como Nwajahani. “Machecaómo” aparece como uma povoação de régulo no esboço de mapa de Gomes da Costa de 1897. Significaria isso que ainda viveu? Provavelmente o seu filho Magulani já lhe tinha sucedido.

Em fins de 1895 e início de 1896 houve também o refluxo de outros refugiados, notavelmente Xipenenyani, cujos homens tinham servido em Outubro e Novembro 1895 de auxiliares às tropas portuguesas que em Novembro de 1895 vieram de Chicomo, combateram em Coolela (Nkuwulele) e queimaram o Mandlakazi (“dos Makwakwa”). Xipenenyani estabeleceu-se em Tavane ou perto de Chicomo (ver mapa Gomes da Costa 1897). Alguns dos seus subchefes, filhos de Bingwani, talvez tinham estado com ele em Inhambane. Os refugiados de Inhambane trouxeram consigo, segundo a tradição recolhida em 1969, os cajueiros que eram plantado em novas machambas. Por volta de 1918 os cajueiros eram uma árvore de fruto já generalizada perto de Chonguene¹⁶. Certamente os Mondlane também já conheciam a arte de destilar álcool.

Já antes de 1889 alguns homens tinham emigrado para o sul de Moçambique e a África do Sul, para trabalhar na construção de caminhos de ferro em Moçambique e Natal e minas. Essa migração continuou e levou ao pagamento do lobolo em libras esterlinas, moedas de ouro ainda antes de 1890 (Serrano 1894, AHM, Manjacaze, Livro de milandos).

Depois da vitória sobre Ngungunyani em 1895 Xipenenyani (ou “Espadanhana”) controlava uma vasta área. Estava ali quando ofereceu uma rectaguarda segura aos portugueses em Chibuto aquando da revolta de Magigwani em 1897. Pelo seu território passava o governador de Inhambane, segundo algumas tradições genro de Xipenenyane. O Distrito de Inhambane prestava apoio durante a revolta. Esta revolta marcou para a população de Gaza o verdadeiro fim deste estado nguni, que ainda estava a funcionar informalmente em 1896, talvez sob a orientação de tios de Ngungunyane. Mas depois de 1897, foi desmantelado conscientemente pelos administradores portugueses.

Nesse processo sofreram não só alguns antigos inimigos, mas também os aliados mais poderosos dos portugueses¹⁷. Em 1898 o novo Governador do distrito de Gaza, Graça, sem nenhuma experiência anterior em Moçambique, e vindo recentemente da metrópole e que tinha substituído Manuel de Oliveira Gomes da Costa, um participante da campanha de ocupação (e futuro marechal) achou este grande território sujeito a um chefe africano já inconveniente para a administração colonial. Mandou Xipenenyani preso e desterrado para o exílio na Ilha de Moçambique. Xipenenyani foi ainda devolvido a Lourenço Marques por outros oficiais, que o encontraram a varrer as ruas da Ilha, e que acharam que a decisão de mandá-lo para o degredo tinha sido injusta. Porém, não conseguiu reocupar a sua posição e voltou provavelmente de Lourenço Marques para a Ilha, aonde presumimos morreu pouco depois (ca. de 1905?).

A parte central do estado de Xipenenyani, quer dizer o seu domínio linhageiro, foi dividida em 15 chefaturas. Estes foram distribuídos em 1907-8 em número igual pelas circunscrições de Chai-chai (posto de Chongoene), Chibuto e M’chopes (Mandlakazi). Em Mandlakazi (“M’chopes”) encontrava-se o regulado de Tavane, um filho de Xipenenyane. Era uma das maiores, com quase sete mil habitantes, 2.708 palhotas e 320 cabeças de gado bovino (J. Vieira Branco em Ferrão 1909: 261, 264).

¹⁶ Memórias de Josefe Bila, que recuperando de uma doença, refrescou-se com fruta de caju em 1919 na zona alta de Chongoene.

¹⁷ O caso de Xipenenyane não está isolado; há outros exemplos como o régulo de Matola (Matsolo) nos meados do séc. XIX, um dos régulos Yao que sucedeu a Mataka V, etc.

filhos mais novos de Khambanyani. Filhos de Bingwane e seus descendentes predominaram entre os chefes ou régulos coloniais existentes em 1909. Mas a marginalização definitiva data talvez só de 1897-1907.

Este afastamento do poder significava, também, que a família Nwajahani, filho de Magulani, tinha de sobreviver da agricultura e do trabalho migratório. Como os outros migrantes estava exposto ao perigo de silicose e infecções pulmonares como tuberculose. Quem regressava das minas com dinheiro, estava também exposto ao alcoolismo e altas mortalidades como consequência da tuberculose. A família de Nwajahani parece não ter tido gado bovino, apenas cabritos por volta de 1930-40, sinal de que não conseguiu acumular muito capital neste período. O único sinal de alguma acumulação eram as três mulheres, uma das quais, a mais prestigiada, talvez tinha sido herdada.

Para a população o reconhecimento pela estrutura colonial oficial era talvez menos importante do que a descendência de um dos chefes prestigiados. Assim respeitaram na zona de Mandlakazi a família de Macekahomu, que se manteve num dos chefados subalternos, abaixo do nível de chefe de regulado, mas não era régulo colonial.

A fuga para Inhambane de Xipenenyani e outros em 1889/90 talvez tinha dado alguma legitimidade a régulos do ponto de vista dos Portugueses. Mas já não era nenhuma vantagem nos olhos de africanos que se queixaram de altos impostos e viram Xipenenyane a partir de 1895 como um traidor, embora a sua contribuição material para o estabelecimento do estado colonial em geral no sul de Moçambique não tivesse sido decisivo.

O Cristianismo e outras mudanças estruturais 1910-1945

O cristianismo, o relacionamento com as diferentes missões e igrejas independentes, tem significados específicos em cada uma das zonas de Moçambique, mesmo para certas famílias.

Em algumas zonas foi uma religião buscada pelos próprios africanos em zonas vizinhas. Isso acontecia desde o início do trabalho migratório para a África do Sul cerca de 1860-1880. Em alguns casos as missões vem muito depois, para se estabelecer junto dos primeiros crentes. Por exemplo, só em 1921 a Missão Suíça funda a missão de Mausse, dando assim apoio aos crentes e evangelistas que já tinha na zona, como Josefa Bila em Macekahomu. Antes estes crentes dependiam de Chicumbane, fundado em 1908. Funda-se uma escola em Maússe aonde havia de ensinar Natália Sumbana. Um dos professores em Maússe, Gabriel Macave, fala de *vuxaka bya ku endla*, o parentesco da cooperação entre missionários suíços e africanos, isso num poema de cerca de 1930-40 (Macavi 1980: 32, 34 e passim). Foi neste espírito que rapazes promissores foram trabalhar em casas de missionários. Eduardo Mondlane havia de seguir em parte este caminho.

A economia colonial

Na economia o peso do trabalho migratório era bastante grande. Os rendimentos da migração entraram na reprodução social, via pagamento de lobolo que cimentava as ligações entre linhagens. Nos anos 30 começou também a pagar alguns géneros alimentícios durante crises de agricultura.

O caminho de ferro construído por volta de 1910 (Lima 1970) facilitava o escoamento de amendoim cultivado nesta zona arenosa e mais tarde, nos anos 50(?) de madeira das serrações de messassa (*brachistegia spiciformis*) e outras espécies da zona dos Makwakwa.

O arroz foi introduzido, segundo foi dito em 1980, por filhos de goeses nos anos 20. Teriam-no conhecido na Índia, aonde teriam sido educados. Mas também havia já na altura tentativas em Chai-Chai (feito por outro goês, Cagi). A alimentação era talvez mais dependente da mandioca do que do milho, especialmente em períodos de crise.

Tentava-se, nos anos 40, introduzir também a cultura forçada de arroz na região, mas algumas das terras escolhidas, como a planície de Nyaurongole, aonde se notam ainda hoje

traços de diques, devem ter sido incapazes para um boa cultura, como referiu Josefe Bila em 1980. O único produto novo é a castanha de caju, cuja comercialização arrancou na década dos anos 30. O *Brado Africano* não se referiu ao caju de Manjacaze, mas relatou as exportações a partir de Inhambane na década dos anos 30. Talvez a recuperação de dados sobre o que foi transportado nos comboios e nos navios que entravam no porto de Chai-Chai permitirá de chegar algumas conclusões. O caju foi provavelmente comprado pelos cantineiros, que exportaram também mafurra à África do Sul.

Desde a derrota do estado de Gaza, Portugal impôs um regime cujos impostos basearam-se em Gaza quase exclusivamente no trabalho migratório, que já existia. Este novo regime colonial eliminou os custos sociais e económicos das guerras, mas só lentamente conseguiu eliminar algumas epidemias como varíola e era durante cerca 40 anos sem poder perante outras doenças. Muitos mineiros de longa data voltaram com silicose e tuberculose (*miners' phthisis*, cf. D. Earthy 1933:1). A prevalência de doenças como malária e os já citados causou uma alta mortalidade de homens, mulheres e crianças.

Mesmo assim houve algum crescimento da população, mas também a partir de certa data uma emigração definitiva meio clandestina para a África do Sul, as cidades e possivelmente também para algumas zonas rurais.

Condições pessoais da família de Eduardo Mondlane

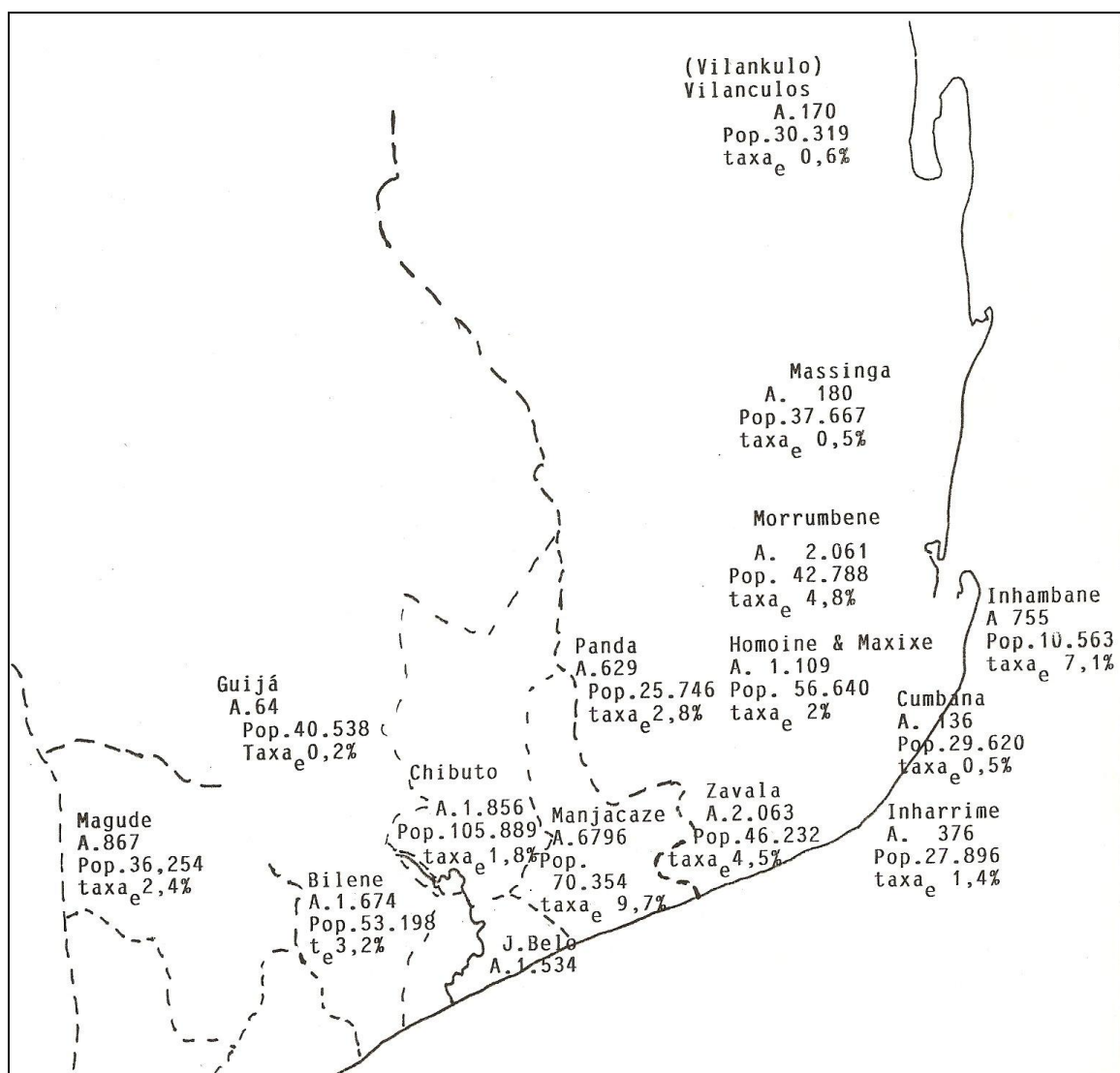
O *muti* de Nwajahani possivelmente teria tido 3 casas em 1920, uma para cada uma das mulheres. As casas de outros familiares estavam talvez perto. Como se pagava na altura imposto de palhota, que em Gaza era mesmo um imposto para cada casa, evitaram-se casas supérfluas. Depois da morte o dono da casa foi enterrado dentro ou perto da casa e as casas dos sobreviventes foram paulatinamente reconstruídas a uma pequena distância, aonde estão hoje a casa 1920 e 1961.

Conta-se que Nwajahani estava a cobrir a casa da sua mulher mais velha, Chude Bila, quando Eduardo nasceu. Esta mulher que Eduardo não tratou por mãe, mas por avó, talvez pela sua idade e respeito (dali a suspeição que talvez tinha sido herdada). Ela foi lembrada no nome da filha mais velha de Eduardo.

A maioria dos irmãos e sobrinhos de Eduardo Mondlane morreram muito cedo. Eduardo Mondlane a partir de 1943 era o último descendente masculino do seu pai, o que lhe deu responsabilidades acrescidas na sociedade tradicional com relação à sua família e a manutenção da casa do seu pai. É possível que por causa disso se faziam depois do seu regresso de Inhambane preparativos para dar-lhe uma mulher, como referiu Virgílio Mondlane. Também devia ajudar às suas irmãs. Mas provavelmente só a partir de 1960 tinha meios para ajudar e construir uma casa ligeiramente melhorada.

Eduardo Mondlane e a escola

Mandlakazi, ou Mchopes, por volta de 1931-32 era o Distrito (então circunscrição) mais escolarizado em Moçambique. O *Anuário do Ensino* para 1930 tem 6.796 alunos para uma população de 70.354 pessoas. São 9.7% da população. A vila de Inhambane com 10.563 habitantes só chegava a 7, 1 % , com uma considerável população branca e mista com certo interesse de ver os seus filhos com educação. As outras circunscrições ficaram entre 0,2 e 4,8% (para Morrumbene, aonde estava Cambine). Bilene quedava-se em 3,2. Havia em Gaza e Mandlakazi as escolas do Estado, da Missão Suíça, e da igreja católica (missão de Mangunze). Em Chibuto ficava a principal parte das escolas de Malehise que também se estenderam para Mandlakazi e Chongoene. Mesmo Lourenço Marques ficava abaixo. Só nos anos 50 as cidades se tornam uma esperança para os africanos em termos de escolarização. Pensamos que as irmãs, “mães” e tias de Eduardo Mondlane deram-se conta deste movimento e encorajaram-no de ir para escola e apoiaram em despesas.



Fonte: Compilado com dados segundo o *Anuário do Ensino 1930* (que pode ter falhas, p.ex. em Chibuto)

Um artigo no *Brado Africano* sugere que o administrador Francisco Toscano, que era também um investigador da história de Gaza, e o professor primário oficial, Brito, estavam muito envolvidos na expansão do ensino. Foram talvez responsáveis, também, pelo envio de estatísticas completas sobre escolas para serem incluídas no *Anuário*.

Eduardo Mondlane havia de descrever a sua experiência com a escola e confirmou essa experiência no livro *Xitlango*.¹⁸

Estrutura cognitiva de Eduardo Mondlane

Havia em Eduardo Mondlane uma forte percepção de territórios, de certas relações entre grupos identitários. Não gostava tanto de pormenores etnográficos e históricos, de datas. Se ele, num manuscrito provavelmente não corrigido da altura da luta armada, confunde o nome do missionário Henri Philippe Junod, que ele conhecia e que ainda vivia, com o nome do pai

¹⁸ Eduardo Mondlane, "Carta" 13/02/1953, em Nadja Manghezi, *O meu coração está nas mãos de um Negro, Uma história da vida de Janet Mondlane*, Centro dos Estudos Africanos, Maputo, 2001, p.76, já citado em Ronguane 2005.

dele, Henri Alexandre Junod (que morreu em 1934), e atribui ao filho a obra etnográfica do pai, significa provavelmente que com a referência ao filho abrangia-se também o pai. (Uma revisão antes da publicação, como é feita em revistas científicas, teria eliminado este lapso.) Eduardo Mondlane parece ter construído encima dessa territorialidade as suas relações sociais e análise da realidade social¹⁹. Estava mais interessado em estruturas contemporâneas, formada por processos históricos, do que do próprio passado, dos pormenores que alguns ainda conheciam. Não tinha decorado os nomes de todos os seus antepassados. Se abordarmos a estrutura cognitiva e os escritos de Eduardo Mondlane com essa precaução talvez não nos vão surpreender algumas limitações em termos de pormenores. Há territórios que se mantêm, como aquele dos Junod. Mais tarde ele distingue poderes que dialogam de poderes que não querem ceder (como p.ex. Salazar e o sistema oficial português²⁰). A diferença era importante, outros detalhes não. Para Eduardo Mondlane a experiência e imagem de divisão dos Khambana e da população desta zona de Gaza e Inhambane pode e deve ter sido um exemplo patente dos perigos de divisão dos africanos perante inimigos exteriores. Mas até agora não temos nenhuma fonte sobre a maneira como ele conhecia e concebia o passado pré-imperialista nos anos 40 e 50. Sabia da divisão dos africanos moçambicanos em geral.

Os seus conhecimentos de história não eram muito profundos. Numa certa fase nos anos 50 referia-se apenas as posições de príncipes e princesas que diversas figuras tinham alcançado, ou a modelos do colonialismo. Dentro do colonialismo ele distinguiu o sistema britânico do português e caracterizava os dois.

Da imagem do passado que ele transmitia eliminava a pobreza e focava os estatutos sociais. Parece ter muito menos interessado no passado do que por exemplo Gabriel Macavi, 22 anos mais velho, que pesquisou o passado pré-colonial por volta de 1930, e tinha um certo rigor nos pormenores. Mas partilhava com Macavi o gosto pela palavra. Existem de Mondlane diversos poemas em Tsonga. Um que foi traduzido e publicado é ao um objecto de arte verbal e de aconselhamento, ensinando uma atitude própria no casamento. Foi escrito em 1944 em tsonga e traduzido por Bento Siteo (Cruz e Silva 1999a). Tanto para Mondlane como para Macavi não era pacífico de os moçambicanos serem portugueses. Partilhavam o gosto pela língua tsonga. Tiveram de apropriar-se da língua portuguesa, como também da língua inglesa, e utilizar ambas de maneira elegante, aumentando sempre a sua capacidade de expressão. Quando viajaram, tiveram de utilizar documentos portugueses.

Fontes sobre a visão de Eduardo Mondlane do período pré-colonial

Uma das possíveis fontes da história local são escritos de Eduardo Mondlane. Que atitudes a ter com escritos de Eduardo Mondlane ou aquele aonde aparece como co-autor? Este podem classificar-se de literário-didacticos, politico-propagandísticos (também didácticos) e académicos, diálogos de diversa natureza nas cartas.

A área de Nwajahane foi descrita em 1945-6 no livro *Chitlangu* de Eduardo Mondlane e A. Clerc. Em forma ligeiramente generalizada e auto-censurada descreve a vida do jovem Eduardo Mondlane e de jovens pastores em geral para um público europeu, principalmente jovens. Pode-se talvez considerado romantizado. Mondlane clarificou em 1953 a questão da autoria e objectivo do romance para adolescentes *Xitlangu*:

O livro conta a vida dos jovens do sudeste da África há cerca de 20 anos [1932]. Muitos dos aspectos continuam a ser parcialmente verdadeiros, mas muitas das condições de vida

¹⁹ Ouvimos depoimentos de Aquino de Bragança, que referiu nos anos 80 que a sua primeira esposa Mariana, falecida já em Maputo, se tivesse declarado maravilhado com a sua afabilidade. Tinha esperado um guerrilheiro rude. A família do antigo embaixador e Ministro Adriano Moreira se exprimiu da mesma maneira.

²⁰ Em 1926-28 Portugal era uma ditadura militar que manteve estas características na sombra até 1968-74, impondo certos limites a Salazar e dando muito pouco poder real a Marcelo Caetano.

mudaram de uma forma tremenda nestes últimos 5 a 10 anos. É muito importante ter isto em mente.

Outra coisa que tens que saber é o seguinte: a história não quer dizer que eu vivi aquilo palavra por palavra. Eu imaginei-me a fazer aquelas coisas e, de uma forma geral, elas fazem parte do tipo de vida que um rapaz do meu tempo podia facilmente ter vivido. E, de facto, experimentei directamente muitas das coisas de que se fala na história. Por exemplo, as histórias sobre o pastoreio são verdadeiras quase palavra por palavra. O meu primeiro encontro com um branco, o reverendo Henry Philippe Junod, que é agora o Secretário Geral da Liga Sul-Africana pela Reforma Penal. Nasceu na União da África do Sul e trabalhou como missionário em Lourenço Marques na juventude. O meu primeiro contacto com os comboios, os aviões e a vida na cidade são verdade. A minha primeira experiência na escola também é genuína...²¹

Não há muitos indícios que Eduardo Mondlane tenha sistematicamente recolhido dados sobre a sua família antes de ir para os EUA. Nasceu 25 anos depois da conquista colonial, viveu durante muitos anos, mesmo nos anos da sua formação, fora de Nwajahani e Mandlakazi. Nos seus estudos posteriores sobre preconceitos raciais refere-se a sistemas que se desenvolvem historicamente, mas a tese está outra vez na área de psicologia social, fala mais de estruturas do que de culturas tsonga. Dedicava-se à psicologia social, ao estudo de papéis sociais, de identificação e não à Antropologia social como tinha feito um dos seus professores, Melville Herskovits²².

Temas que se podiam aprofundar incluem locais de veneração de antepassados, espécies que se encontram nos altares (figueiras, canhoeiros), danças e os seus passos, etc.

Conclusões

O domínio das estruturas do estado linhageiro e os seus vestígios na organização tradicional actual são um requisito básico para quem estuda o passado da sociedade moçambicana, dos estados precoloniais.

A justificação para a nossa abordagem de passar do pré-colonial ao colonial (e implicitamente pós-colonial) está no interesse que parte da população tem neste passado. Focamos uma sociedade que se modernizou e conservou identidades e elementos da cultura que já surgiram em diferentes momentos antes de 1895/97. Essas identidades não tinham sido estáticas. Tinha havido tentativas de formação de novos estados, tal como o dos Khambana ou Mondlane, antes de o estado de Gaza ter contribuído para novas identidades, como changana, ndau e chopi. Os antigos Nwanati de Chibuto e Mandlakazi e o seu dialecto, perto do xitswa quase desapareceram da memória, a população actual fala Changana. Mandlakazi, antes o nome de uma capital migrante, tornou-se um nome local, fixado ao lugar aonde estava Mandlakazi entre 1890 e 1892²³.

No que toca ao seu próprio testemunho, Mondlane escolheu por volta de 1950, dos dois polos possíveis, pobreza e grandeza, a grandeza para se identificar. De facto pertenceu a uma aristocracia respeitada pelos seus concidadãos, mesmo vivendo numa certa pobreza com os

²¹ Eduardo Mondlane, "Carta" 13/02/1953, em Nadja Manghezi, *O Meu coração Está nas mãos de um Negro, Uma História da vida de Janet Mondlane*, Tradução de Machado de Graça, Edição do Centro dos Estudos Africanos, Maputo, 2001, p.76., já citado em Ronguane 2005 e Ronguane 2010, p. 10

²² Encontramos em 1978 nos restos do Arquivo distrital de Mopeia uma circular da Pide, dos anos 50 ou 60. Indicava que Melville Herskovits não devia obter um visto de entrada para Moçambique. Parece que recusou nos fins dos anos 50 juntar-se a um grupo de amigos de Portugal que o Ministro de Negócios Estrangeiros queria constituir. Por motivos semelhantes provavelmente I. Wallerstein não conseguiu entrar em Angola, como referiu em Junho de 2011 em Maputo.

²³ Já tinha havido um Mandlakazi ao norte do rio Save, que lá deve ter mudado várias vezes de lugar. Possivelmente já existiu em 1882, antes de Ngungunyane se tornar rei.

seus familiares, que não conseguiu mandar estudar.

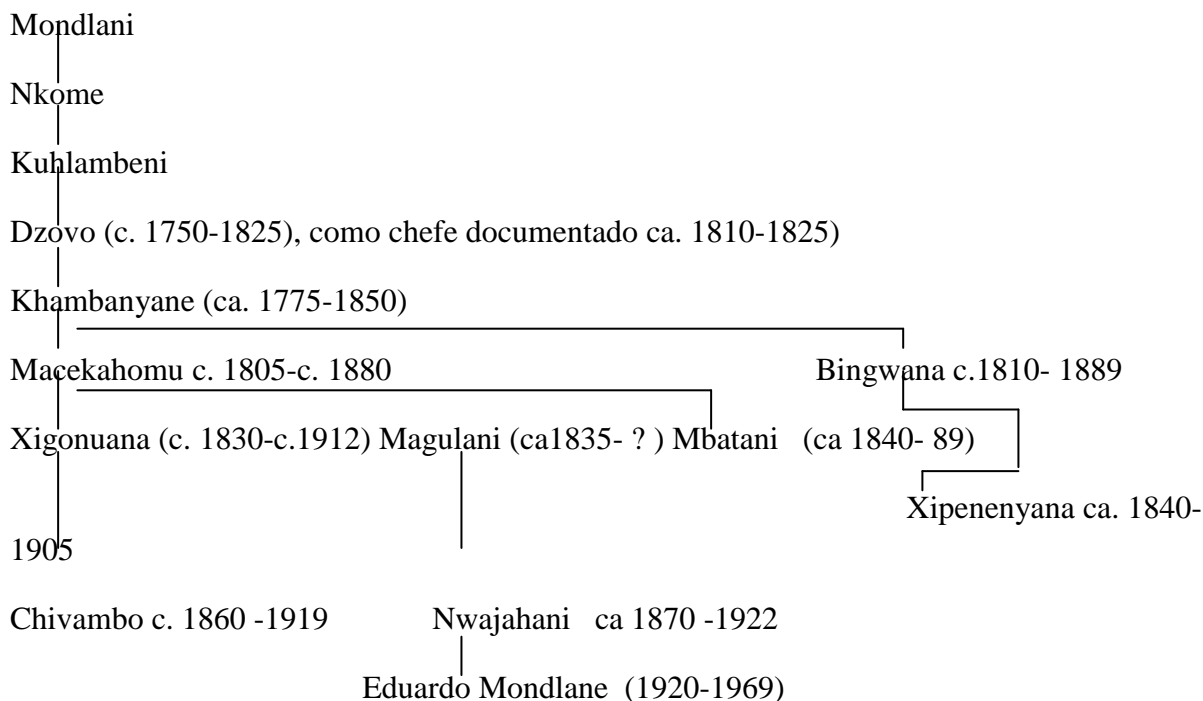
Entre a data em que deixamos a narração, cerca de. 1945, e 1960/61, quando Macavi faz os seus poemas laudatórios citados na introdução, Mondlane cresceu formalmente no mundo académico e tornou-se digno de atenção espacial.

Em Moçambique inicia nos anos 40 e 50 uma nova fase de modernização e mudanças, que Mondlane também sentiu. Se refere a ela na sua carta citada de 1953. Para Manjacaze as mudanças eram talvez mais ao nível de equipas de futebol, na qual participam empregados da casa Cruz, da continuação da escolarização e colheita de castanha de caju, em mais empregos na fábrica local de caju e nas serrações ao norte, em empregos na capital da Colónia e em Matola, aonde surgiram indústrias e serviços que deram empregos a milhares, e no melhoramento dos serviços de saúde o que influenciou o crescimento da população.

Anexos

Genealogias dos Mondlane e Makwakwa

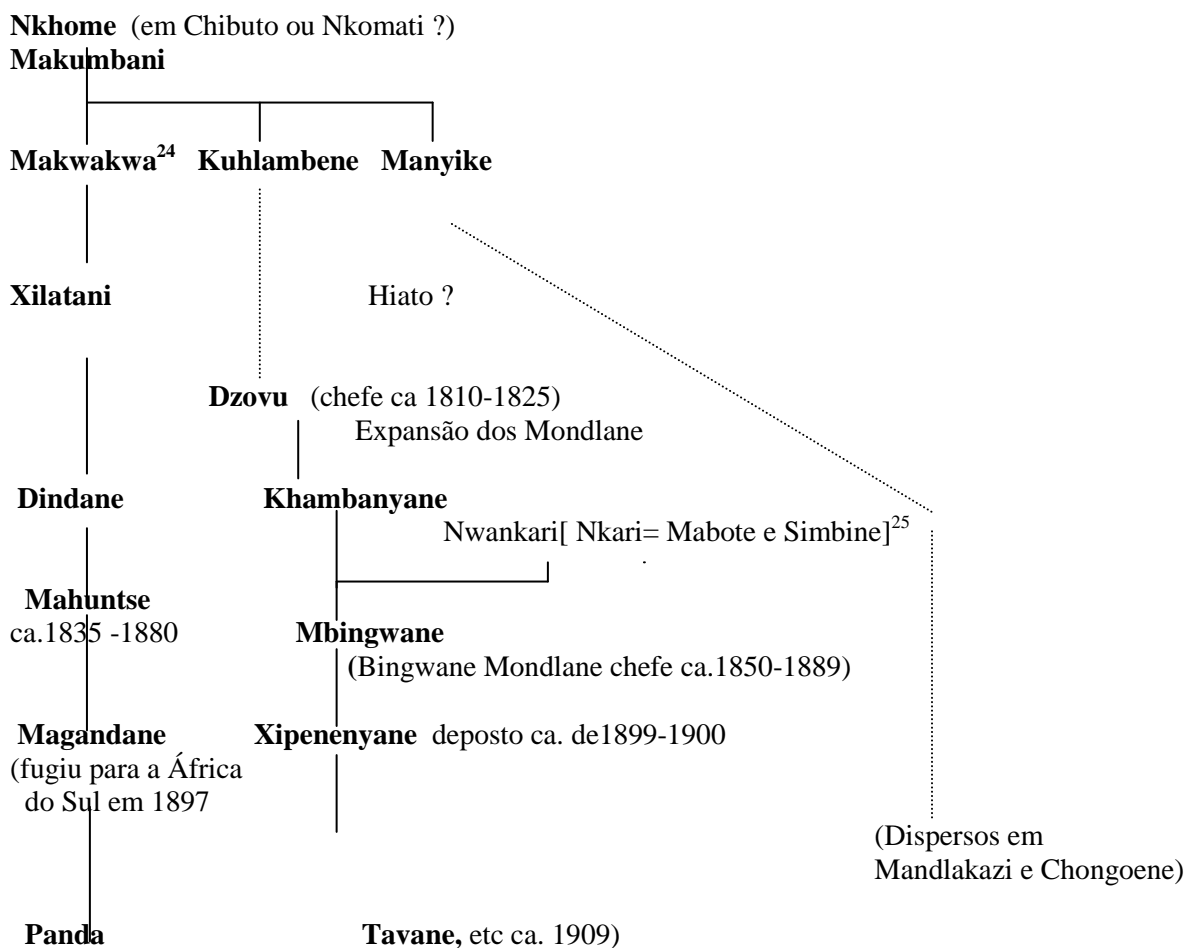
Anexo 1. Genealogia dos chefes dos Mondlane e Genealogia de Eduardo Mondlane



Variantes da genealogia (ver Anexo 2) colocam Nkome e não Mondlane como antepassado dos Makwakwa, Mondlane e Manyike. Nota-se aqui na genealogia dos Mondlane, como na dos Makwakwa que as genealogias sofreram um encurtamento por dois processos

- todos os antigos nomes pessoais dos antepassados foram eliminados
- foram eliminados entre os antepassados os menos importantes com as quais não se relacionam factos importantes.

Este processo continua ainda hoje. Numa carta de leitores ao jornal *Notícias* escrita em 2010 de Maputo um leitor preocupado com falta de infra-estruturas em Mandlakazi designava Nwajahani de filho de Macekahomu e não de neto, omitindo Magulani.

Anexo 2. Linhas Principais da Genealogia dos Chefes Nwanati (Makwakwa e Mondlane)**Fontes e Bibliografia****Mapas**

Longe, Armando 1886 Mapa da viagem de Inhambane a Lourenço Marques (“le” dificilmente legível na reprodução), Boletim da Sociedade de Geografia de Lisboa.

Gomes da Costa 1897: Carta do Comando militar dos Machopes, Coordenada por Gomes da Costa 1897 em Lisboa, Agrupamento de Estudos de Cartografia antiga ..

Aires de Ornelas 1895 (do trabalho de culminação de estudos de Anita Uacela)

Documentos**Arquivo Histórico de Moçambique**

Mandlakazi, Livro de Milandos

Fundo da Tradição Oral: transcrições entrevistas com Virgílio Mondlane, Josefa Bila e outros

²⁴ Referido em 1729 como “landins” e provavelmente já residindo ao norte do rio Limpopo. Um texto em Mukombo, *Mulaveteli* p. 13 atribui-lhes uma origem entre os Hlanganu junto ao rio Incomati e indica como primeiro portador da alcunha Makwakwa Makumbani, um induna de Nkome.

²⁵ Outras fontes (cf. Liesegang, s.d) indicam outros nomes, da maneira que a evidência se apresenta contraditória.

Teses, dissertações

- Boeyens, Jan Christoffel Antonie, 1985: Die konflik tussen die Venda en die Blankes in Transvaal, 1864-1869, Tese de mestrado (M.A.) Universidade de Pretoria.
- Cumbe, Mário José Chitaúte 2000: Os khokholo e a estrutura da etnia chope no séc. XIX. O problema da definição e identidade de uma população. Maputo, UEM, Trabalho de Licenciatura em História
- Cumbe, Mário José Chitaúte, 2010: Traditional leadership, the state and rural economic development in southern Mozambique: A case study of Mandlakaze District in the second half of the twentieth century. Durban: University of Kwazulu- Natal. Masters in Development Studies
- Ronguane, Silvério 2005 (tese), ver Ronguane 2010.
- Uacela, Anita, 2009: A resistência anti-colonial no Estado de Gaza, 1880–1897, Ensaio Científico de Culminação de Estudos em Historia. Maputo, UEM.

Artigos e monografias

- Adaptive Research note 8, Oct. 2003: Tyndall Centre (inclui algumas informações sobre a aldeia e região.)
- Coelho, Trindade, ed. 1898: *Conselheiro José d'Almeida: Dezoito anos em África*. Lisboa: Typ. Adolpho de Mendonça.
- Covane, Luis António 2001: *Trabalho migratório e agricultura no sul de Moçambique 1920-1992*. Maputo: Promédia: [Collecção Identidades 9]
- Cruz e Silva, Teresa 1999a: Mondlane e a literatura em língua Tsonga: Um breve apontamento a “que espanto” e “mais correm as notícias que as diligências”. *Estudos Moçambicanos* 16, 61-65
- Cruz e Silva, Teresa 1999b: A missão Suiça e a formação da juventude em Moçambique: A experiência de Eduardo Mondlane (1930-1961). *Estudos Moçambicanos* 16, 67-104
- Earthy, D. 1933: *Valenge women: The social and economic life of the Valenge women of Portuguese East Africa*. OUP for International African Institute (Cass Reprint 1968)
- Enes, António 1945: *A guerra d'África em 1895*. Lisboa [2ª ed. , 1ª em 1898]
- Ferrão, Francisco [de Castelo Branco] 1909: *Circumscrições de Lourenço Marques: Respostas aos Quesitos feitos pelo Secretário dos Negócios Indígenas, dr. Francisco Ferrão*. Lourenço Marques: Imprensa Nacional: inclui:
 7ª Circumscrição: Xai-Xai por M. Gaspar de Vasconcelos (pp. 177-239)
 8ª Circumscrição: M'chopes por J. Vieira Branco (pp. 243-266)
 9ª Circumscrição: Chibuto por Abílio José Esteves (pp. 269-290)
- Jaques, A.A. 1982 *Swivongo swa Machangana (Vatsonga)*. Braamfontein: Sasavona [4ª ed. revista. Já a segunda edição revista de 1958 têm um prefácio assinado por L. Jaques, que parece ter revisto esta e as edições seguintes depois da morte do primeiro autor. O trabalho contava com a colaboração anónima de uma série de professores, pastores e crentes da Missão Suiça, Igreja Presbiteriana].
- Junod, H.A. 1913: The condition of the natives of South East Africa in the sixteenth century, according to the early Portuguese documents. *South African Journal of Science*. 10, 137-61
- Junod, H.A. 1927: *The Life of a South African Tribe*. Londres, (1ª ed. Neuchâtel 1912; existe também uma tradução francesa e três edições portuguesas, tendo a segunda, de 1975, algumas deturpações na transcrição de nomes eliminados na terceira edição 1996, embora que certas gralhas persistam).
- Junod, H.A. 1996: *Usos e costumes dos Bantu*. Maputo: AHM, Documentos 3
- Junod, H.Ph. 1927: Some Notes on Tshopi origins. *Bantu Studies* II: 57-71
- Junod, H.P. 1977: *Matimu ya Vatsonga ni ya vanwana vaaki va matiko ya Afrika wa Vuxa-Dzonga 1498-1650*. Braamfontein: Sasavona (Prefácio D.C. Marivati).
- Liesegang, G. 1968: *Beiträge zur Geschichte des Reiches der Gaza Nguni im südlichen Moçambique 1820-1895*. [Contribuições para o estudo do estado dos Nguni de Gaza no sul de Moçambique 1820-1895], Colónia (Dissertação para Dr.phil., apresentada em 1967, reprodução fotomecânica, 1968)
- Liesegang, G. 1974: A survey of the 19th century stockades of Southern Mozambique: The khokholwene of the Manjacaze area. Lisboa: *In memoriam Jorge Dias*, I, pp.303- 20
- Liesegang, G. 1987: Lourenço Marques antes de 1895. *Arquivo: Boletim Semestral do Arquivo Histórico de Moçambique* 2. Maputo, pp. 19-75
- Liesegang, G. 1990: Achegas para o estudo de biografias...II, III.: Joaquim de Santa Rita-Montanha

- 1806-1870, Arone S. Mukhombo (ca.1885-1940) [sic:1931?] e Elias Mucambe (1904 -1969). *Arquivo* 8: 61-142
- Liesegang, G. 1996: *Ngungunyane: A figura de Ngungunyane Nqumayo, Rei de Gaza 1884-1895 e o desaparecimento do seu Estado*. Maputo: Arpac, Coleção Imbondeiro, no 8
- Liesegang, G. 2004: Reconstituindo a história pré-colonial de Moçambique: Como a análise das tradições dos Tembe e Chilundu, fontes escritas antigas e o uso de modelos ajudam a reconstituir a história dos Khosa. (Manuscrito não publicado).
- Liesegang, G. s.d: *Estados e grupos étnico-políticos em Moçambique ao sul do Save c. 200-1850: Tentativa de reconstrução de linhas gerais de desenvolvimento na base de fontes orais e escritas, vestígios materiais e pesquisa sobre conceitos*[Ms. Ca. 90 pp]
- Macavi, G. 1980: *Muambi wa Vubumabumeri*. Bramfontein: Sasavona [coleção de poesia dos anos 1930-1978; contém pp.76-88 *I mani Chivambu Eduardo Mondlane*, com uma genealogia, p. 77]
- Manghezi, Nadja 2001: *O meu coração está nas mãos de um negro, uma história da vida de Janet Mondlane*, Maputo: UEM-Centro dos Estudos Africanos.
- Mapanguelane, João 1969: Entrevista compor A. Chemene, em Coolela) *Famba ia pambene, jornal dos regedores de Gaza*, no 19, pp. 4-5
- Matos, M. L. C. Monteiro 1974: Origens do povo Chope segundo a tradição oral. *Memórias do I.I.C.M. Série C*, 10: 3-101.
- Mondlane, Janet Rae 1999: O sonho de Eduardo Mondlane para o povo de Moçambique. *Estudos Moçambicanos* 16: 11-18
- Mondlane, Janet Rae 2007: *Eco da tua voz, cartas inéditas de Eduardo Mondlane*, vol. I: 1920-1950. Maputo: Imprensa Universitária.
- Mucambe, Elias Saute 1948: *A matimu ya Batswa_*. Cleveland(Tvl): The Central Mission Press. (1ª edição)
- Mukhombo, A.S. 1954: *A mulaveteli wa ntumbuluku wa vaTshwa*. Cleveland(Tvl): Central Mission Press [5ª edição, 1ª ca. 1930; Reedição: Sasavona]
- Mukhombo, A.S. 1955: *A nkutsulani wa matimu ya VaTshwa. A timhaka ta kale ti khedzelwako hi* Cleveland(Tvl): The Central Mission Press [3ª edição, 1ª ca. 1931, cf. Junod 1977, textos de Mukhombo e outros]
- Pinto, Caetano dos Santos 1840: Viagem de Inhambane às terras de Manicusse em 1840. *Arquivo das Colónias*, I, 6 1917: 269-74
- Ronguane, Silvério 2010: *90 anos depois do seu nascimento saiba toda a verdade sobre Mondlane*. Maputo: Dondza Editora [Edição da tese de doutoramento de Ronguane]

©Gerhard Liesegang

UEM, Departamento de História – Faculdade de Letras e Ciências Sociais

gerhard.liesegang@uem.mz